

DO MUNDO ESCOLAR PARA O MUNDO DO TRABALHO: CONSTRUINDO O FUTURO COM O PASSADO E O PRESENTE

Maria Emília Gomes Azevedo
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
ae-jr@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objectivo divulgar o caso de sucesso na transição do mundo escolar para o mundo do trabalho e a manutenção do emprego, dos alunos do curso profissionalizante de Administração, da ESX, da Região Norte do país, que adquiriram, em simultâneo, formação escolar profissionalizante e formação profissionalizante em contexto de trabalho.

Este trabalho insere-se numa investigação mais alargada que está a ser levada a cabo na escola pela investigadora e que foi desencadeada pelo processo de Avaliação Externa e pela necessidade de dar resposta aos novos contextos e (re)configurações da sociedade actual, que fazem da Escola uma organização social. Uma escola capaz de dar resposta às solicitações; de fazer a diferença na vida dos alunos (jovens, adultos, desempregados, ...); de converter os seus pontos fracos (“a frágil articulação interdepartamental, significativas percentagens de anulação de matrículas, ...”) em pontos fortes (“a garantia da equidade e justiça no acesso a todos os alunos ao serviço público”); de aproveitar os constrangimentos (“agravamento da situação económica e financeira das empresas do concelho”) convertendo-os em oportunidades (“definição de áreas de excelência e alargamento da oferta formativa num concelho em que existem adultos com baixos níveis de escolarização”) (RAEESX, 2009, 13).

INTRODUÇÃO

Esta comunicação surge no âmbito do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, da Universidade do Minho, e tem como objectivo primeiro divulgar o caso de sucesso, na transição do mundo escolar para o mundo do trabalho e na manutenção do emprego, dos alunos do curso profissionalizante (Curso Tecnológico de Administração), da ESX, da região Norte do país, que adquiriram, em simultâneo, formação escolar profissionalizante e formação profissionalizante em contexto de trabalho.

Os elementos aqui apresentados fazem parte de uma investigação mais alargada, levada a cabo na escola pela investigadora, e desencadeada pelo processo de Avaliação Externa e pela necessidade de dar resposta aos novos contextos e (re)configurações da sociedade actual.

À data da realização desta comunicação, a investigação ainda se encontrava na sua fase inicial, pelo que só se apresentam alguns elementos inerentes aos cursos profissionalizantes da ESX; os processos de formação, transição para o mundo do trabalho e manutenção do emprego dos alunos do CTA, nos últimos anos, bem como o seu sucesso. Este é exposto a nível da formação escolar; da formação em contexto de trabalho; do ingresso no ensino superior; e da empregabilidade. Por último, referencia-se factores que a investigação indicia como promotores do sucesso destes alunos.

METODOLOGIA

Tendo em conta a natureza do contexto e da problemática em estudo, optou-se nesta investigação por uma metodologia mista, centrada no estudo de caso da ESX, com o recurso a métodos e instrumentos de análise da metodologia qualitativa e quantitativa, nomeadamente, a análise de conteúdo, a observação participada, entrevistas, relatos de alunos, professores, funcionários de acção educativa, encarregados de educação, empresários e monitores. Com a utilização de diferentes métodos e instrumentos, pretende-se ir de encontro ao seguinte pensamento de (Santos Guerra): “Los procesos de triangulación facilitan el contraste y la depuración de los datos. No es preciso esperar al final de la exploración para comenzar la triangulación. Da la misma manera no es imprescindible suspender la recogida de datos para que se produzca la comprensión” (2009, p. 18).

1. CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

A ESX, está implantada numa área geográfica de grande densidade populacional e de grande concentração de alojamento, na região Norte do país, beneficiando, assim, de uma localização privilegiada, com boas acessibilidades às cidades vizinhas, como: Póvoa de Varzim, Maia, Matosinhos, Famalicão, e, até mesmo, ao Porto, Braga e Viana do Castelo. Situa-se na principal freguesia do concelho, onde a existência de áreas de comércio tradicional marcam a dinâmica e o seu quotidiano, destacando-se pela concentração de diversos serviços ligados à educação, à saúde, à acção social, ao turismo, à restauração, ao desporto, à arquitectura e engenharia, à contabilidade, à fiscalidade, à banca, ..., tomando-a numa das principais áreas de empregabilidade, para os alunos da escola, principalmente, para os do Curso Tecnológico de Administração (CTA).

Devido à densidade populacional e à diversidade sócio-económica da população onde a escola está inserida, actualmente, a sua população estudantil é oriunda tanto de bairros camarários, onde reside a classe baixa, como de bairros residenciais da classe média-alta. Apesar de coexistirem alunos de diferentes grupos sociais, uma parte significativa provém de estratos sociais mais desfavorecidos. Desses, só no ensino regular, 42% beneficiam dos serviços de acção escolar. Mas, se juntarmos os do ensino profissional, os de educação e formação de jovens e adultos e ainda parte dos tecnológicos, ultrapassa-se os 70% de alunos que beneficiam dos apoios de acção social escolar.

A sua população discente, no ano lectivo 2008/2009, era de 1075 alunos, dos quais, 25% frequentavam o 3º ciclo do ensino básico; 46% o ensino regular; e os restantes 29% o ensino profissionalizante (tecnológico, profissional, educação e formação de jovens e adultos, e recorrente) (RAEESX, 2009, p.3).

O nível de escolaridades dos pais situa-se, predominantemente, ao nível do ensino básico (70%). Quanto à distribuição dos progenitores pelas diversas categorias profissionais somente 18,8% pertencem a quadros superiores e profissões intelectuais, 6,6% aos técnicos e profissões de nível intermédio, e os restantes 74,6% distribuem-se pelo grupo dos operários, artífices e trabalhadores da indústria (27%), pelo grupo da agricultura, e trabalho qualificado de agricultura e pescas (24,6), pelo comércio e serviços (15,4%) e pelo grupo dos não qualificados (7,6%) (RAEESX, 2009, p. 3).

Tanto o quadro de pessoal não docente como o docente é estável, contudo, estes últimos, no ano lectivo findo, têm sofrido alguma instabilidade devido à sua aposentação e também pela necessidade de se ausentarem por problemas de saúde.

No âmbito do programa de requalificação do parque escolar das escolas secundárias, a Escola, construída em 1970, está, desde Setembro de 2008, a ser objecto de intervenção.

É de realçar ainda que, durante aproximadamente trinta anos, a ESX era a única Escola no concelho com ensino secundário; também os concelhos vizinhos (Póvoa da Varzim, Famalicão, Maia, Matosinhos), proporcionavam e proporcionam, uma oferta educativa, em regime diurno e nocturno, de cariz profissionalizante; assim como, Escola Profissional X, hoje com a designação de Escola Profissional Unipessoal Lda.

2. OS CURSOS PROFISSIONALIZANTES NA ESX

2.1. O passado

Esta Escola, tal como muitas outras no país, ao longo da sua existência manteve, paralelamente, para além do ensino orientado para o prosseguimento de estudos, o ensino profissionalizante.

No actual quadro das políticas educativas, e na necessidade de dar resposta às dificuldades da população do conselho, o saber construído nessa modalidade de ensino é um ponto forte que tem de ser colocado à disposição da comunidade. Porém, os estudos revelam que “a maioria das teorias e práticas educativas não concede qualquer lugar ao passado” (Hargreaves e Fink, 2007, p. 273), que “a seta da mudança aponta apenas em frente e que o passado é tido como um problema a ignorar ou a ultrapassar, na pressa da aproximação ao futuro”. (Hargreave e Goodson, 2004, p.). Porém, os contextos mudaram. É fundamental que os cidadãos tenham conhecimento da sua história e as gerações futuras conheçam o seu passado, para “passarem a tratá-lo como um recurso e não como um impedimento” (Hargreaves, 2000, p. 203). Formosinho em (2000) afirmava que “a mudança educativa como processo social, político, ideológico e cultural é, necessariamente tributária do momento histórico em que surge e nele adquire toda a significação e potencialidade explicativa, ao mesmo tempo que também o serve.”

É na linha de pensamento destes autores, que o passado dos cursos profissionalizantes da ESX é aqui apresentado, na esperança de que, com esta abordagem, a “gramática” da escola possa vir a ser alterada, e que possa contribuir para a resolução de problemas escolares.

A origem da escola, encontra-se na Escola Técnica, sob a dependência da Escola Industrial e Comercial de Matosinhos. A ligação às áreas de formação técnica e profissionalizante, assim como, às actividades económicas e empresariais do concelho já vêm desde 1970, do século passado (Reis, 2001, p. 8). Mas só a partir de 1986, depois de reunidas as condições necessárias para o seu funcionamento, é que a vertente profissionalizante, no conjunto da oferta educativa global da escola, começa a ter algum significado.

Desde 1986 até à actualidade, os cursos das áreas técnicas sempre fizeram parte da oferta educativa da escola, com a designação de Técnico-Profissionais ou Tecnológicos, nomeadamente, Construção Civil, Electrotecnia e Electrónica, Electricidade, Secretariado, Contabilidade e Gestão, Serviços Comerciais, Acção Social e Administração; ou ainda nos últimos três anos, com a designação mais recente de Educação e Formação (CFs tipo II e III) e profissionais, como: Empregado de Mesa, Empregado Comercial, Assistente Administrativo, Marceneiros, Carpinteiros de Limpo, Técnico de Topografia, Operadores de informática, ou ainda, Secretariado, Técnico de Fotografia, Gestão de Equipamento Informático e Electrónica e Automação de Computadores.

2.2. Quem frequenta (va) estes cursos.

Sempre, e ainda hoje, os alunos que frequentavam e que frequentam estes cursos são oriundos das famílias mais desfavorecidas do concelho, nomeadamente, dos lugares situados mais a Norte da cidade, e ainda, das freguesias do interior do concelho, que, manifestamente, revelam maiores dificuldades de aprendizagem e/ou de inclusão. A sua inclusão era e é dificultada, pois a sua integração pode ser conseguida mas não chega a ser inclusiva. No seio da população discente a sua exclusão era consumada através da marginalização. Actualmente, e dado o aumento da população que frequenta esta oferta educativa, aponta-se como um factor de selecção, por parte da classe media e media alta, para a não colocação dos seus educandos na escola.

A marginalização começava quando, no acto de matrícula, alguns eram “empurrados” para os cursos tecnológicos, porque, eram cursos mais fáceis e que não tinha matemática, ou, se a tinha, era muito fácil. Para além disso, “eram alunos muito fracos, que, se fossem para os outros cursos nunca se safariam”. Ora, estas afirmações eram as vozes daqueles actores que sempre estigmatizaram os cursos profissionais; que desconheciam os planos curriculares e as competências que eram exigidas a estes alunos. Muitos destes alunos, de facto, “traziam às costas” dois ou três níveis negativos a disciplinas, como: a matemática e/ ou a português;

afirmavam que não gostavam de matemática; as suas famílias eram pobres; e os agregados familiares não possuíam recursos financeiros, para lhes proporcionar explicadoras para as disciplinas que tinham mais dificuldades. Mas, apesar de todas as dificuldades com que se deparavam, tinham aquilo que era o mais importante no processo educativo e que faz toda a diferença, ou seja, a vontade para trabalhar e aprender, e a esperança de que, com a ajuda e colaboração dos demais actores, iriam conseguir.

A marginalização, muitas vezes, também partia de actores educativos que, cientes das suas práticas e das alterações que as mesmas teriam de sofrer, caso tivessem de trabalhar com esses jovens, no sentido de lhes proporcionar sucesso, desprezavam-nos e humilhavam-nos quando comparavam os seus resultados com os dos alunos de prosseguimento de estudos. Hoje, são esses mesmos actores que, confrontados com problemas graves da nova população dos cursos profissionalizantes, fazem a mesma comparação entre os alunos dos cursos tecnológicos de então, e os de hoje; dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais, considerando os anteriores muito melhores do que os actuais. Até mesmo dentro da própria comunidade docente verificava-se uma certa marginalização em relação aos docentes que leccionavam esses cursos, assim como, por parte da liderança de topo que sempre ignorou os trabalhos desenvolvidos por este tipo de alunos, nomeadamente, a sua ausência nas Provas de Aptidão Tecnológica (PAT) que eram abertas ao público, com a excepção do último ano, cuja motivação foi a presença de um elemento convidado, pelo Director de Curso, da equipa de Apoio às Escolas, da Direcção Regional de Educação do Norte.

A verdade é que a “ Gramática” da escola e o Clima de Escola não se coadunava nem se coaduna com esta modalidade de ensino.

Contudo, e apesar de todas as dificuldades e constrangimentos, muitos destes jovens e suas famílias, encontraram na formação profissionalizante a única forma de continuar a sua formação, alterar o curso natural a que, à partida, estariam sujeitos, ou seja, contrariar o processo de reprodução social e melhorarem a suas vidas.

2.3. FINANCIAMENTO DA FCT

Com a adesão de Portugal à União Europeia, outrora Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, e com a entrada de enormes verbas de financiamento europeu para a qualificação dos portugueses, as Escolas Secundárias Públicas, mais tarde ou mais cedo, viram, nesses recursos, uma forma de financiamento dos seus activos imobilizados e de algumas das despesas correntes inerentes à formação, ou não, dos alunos dos Cursos Técnico-Profissionais ou Tecnológicos.

A ESJR, não ficando alheia a todo este processo, enceta as acções necessárias à obtenção de financiamento para a FCT, dos alunos dos cursos profissionalizantes, através de candidaturas

aos quadros comunitários de apoio (PRODEP I, II, III.). Até ao ano lectivo 2005-2006, toda a FCT dos cursos profissionalizantes, na ESX, foi financiada por fundos comunitários. Desde aí, FCT, deixou de ser financiada por fundo comunitários passando a ser, exclusivamente, financiada pelos rendimentos dos agregados familiares desses alunos e dos professor acompanhante da FCT e /ou Directores de Curso. Apesar da Escola possuir financiamento comunitário (POPH) para os cursos profissionalizantes (CFs I e II, profissionais, ...) nunca foram destinadas quaisquer verbas para a FCT destes alunos. Reforça-se o facto de que as próprias deslocações dos alunos às organizações para a o estabelecimento das primeiras relações com as partes envolvidas, assim como, todas as deslocações posteriores, inerente ao acompanhamento e à realização da PAT, por parte da equipa coordenadora da FCT (professor acompanhante e Director de Curso) foram financiadas pelos próprios.

Apesar de todo o empenho, sucesso, e empregabilidade que os alunos do Curso Tecnológico de Administração obtiveram ao longo dos anos, em especial os que terminaram este curso desde o ano lectivo de 2005-2006 até 2008-2009, este deixou de fazer parte da oferta educativa da ESX. Há quem aponte que tal facto está estreitamente ligado à questão do seu financiamento, pois, o mesmo é obtido através das dotações orçamentais, inscritas para o Ministério da Educação.

3. O CASO DOS DIPLOMADOS DO CURSO PROFISSIONALIZANTE (CTA) DA ESX

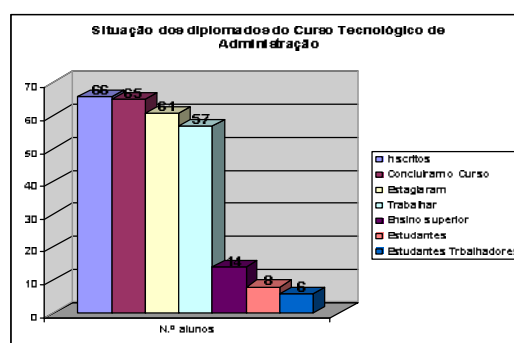
Uma vez que a investigação ainda está no seu início, não é possível, de momento, saber a real situação dos alunos diplomados na ESX, dos cursos profissionalizantes. No entanto, aprez-nos afirmar que, dos diplomados do CTA, não são conhecidas situações de desemprego, e muitos concluíram o Ensino Superior em: Contabilidade, Contabilidade e Administração, Gestão Hoteleira, Gestão de Recursos Humanos, Relações Internacionais, Relações Públicas, Recursos Humanos, Economia, Solicitadoria, Gestão de empresas, Gestão Autárquica, Informática de Gestão, Gestão de Desporto, etc. Só, e a título de exemplo, do CTA, na própria ESX, encontram-se a trabalhar nos Serviços Administrativos vários ex-alunos, e, na St.^a Casa da Misericórdia, quase a totalidade dos trabalhadores do Sector Administrativo, também são diplomados desta escola, do CTA.

Os diplomados do CTA estão, principalmente, inseridos nas organizações sedeadas no concelho.

3.1. Situação dos diplomados do CTA, dos últimos três anos

N.º alunos	Inscritos	Concluíram o Curso	Estagiaram	Trabalhar	Ensino Superior	Estudantes	Estudantes Trabalhadores
	66	65	61	57	14	8	6

Dos alunos que concluíram o curso, 87,6% estão inseridos no mercado de trabalho e os restantes 12,4% encontram-se em formação no Ensino Superior Politécnico, nos Cursos de: (Contabilidade e Administração, Ciências e Tecnologias da Documentação, Gestão e Administração Hoteleira, Gestão de Empresas, Gestão de Desporto, Recursos Humanos e solicitadoria).



Dos 61 que efectuaram estágio, 50% deles, no final da formação, retomaram à organização onde estagiaram ou foram recomendados pelas organizações para trabalharem noutras, suas clientes/fornecedores.

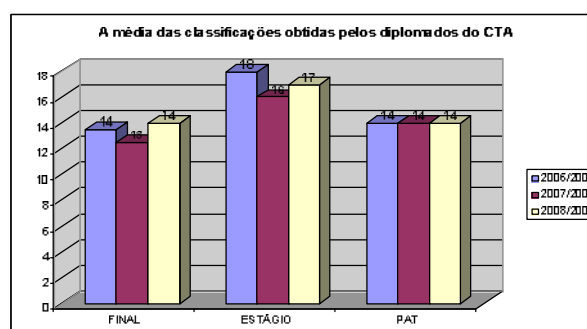
3.2. O sucesso dos alunos do CTA (Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março)

Na Formação Escolar

A formação escolar assenta no plano curricular definido pelo ministério de educação e que compreende a Formação Geral, com as disciplinas de Português, Língua Estrangeira I ou II, Educação Física, Filosofia e Tecnologias de Informação e Comunicação); a Formação Científica, com Matemática B e Economia B; e a Formação Tecnológica. Por sua vez, a Formação Tecnológica engloba duas componentes, disciplinas da formação técnica, como: Organização e Gestão de Empresas, Contabilidade e Técnicas Administrativas e a outra, designada por Área Tecnológica Integrada, que integra uma disciplina de especificação, como Práticas de Contabilidade e Gestão ou Práticas de Secretariado, o Projecto Tecnológico e a Formação em Contexto de Trabalho (estágio). Para além disso, para concluírem o curso, os alunos têm ainda de realizar, apresentar, defender e obter aprovação na Prova de Aptidão Tecnológica (PAT).

As classificações médias obtidas pelos alunos nos três elementos marcantes do conjunto da formação, representam-se no gráfico seguinte:

Os resultados obtidos traduzem o esforço e empenho manifestado pelos alunos, com realce para os elementos



da componente da formação em contexto de trabalho. Com base na análise documental, a avaliação do desempenho da FCT privilegia a componente do saber ser.

Relativamente à PAT, nos três anos, os resultados foram constantes e não se distanciaram dos resultados obtidos nas diferentes disciplinas. Também as classificações atribuídas na PAT pelos elementos externos à Escola que fazem parte do júri, não se verificaram divergências significativas, em termos globais. As problemáticas desenvolvidas nas PATs são, actuais, diversificadas e com alguma predominância na vertente do empreendedorismo. Neste último, foram apresentadas aos alunos propostas por parte de empresários que estavam no júri da PAT, para se associarem aos projectos e implementá-los.

Na Formação em Contexto de Trabalho (FCT)

Há vinte anos que a ESX passou a proporcionar estágio aos alunos dos cursos Técnico-Profissionais e Tecnológicos. Desde essa data que algumas das organizações, representadas na tabela abaixo, acolhem os seus alunos.

Os parceiros sociais e económicos locais e sectoriais que acolheram os alunos nestes três últimos anos inserem-se no sector secundário e terciário e têm a sua sede no CX ou nos concelhos vizinhos PV e VNF.

Como se pode verificar existe uma diversidade de empresas de diferentes actividades que acolheram os alunos. Esta diversidade tem-se vindo a acentuar nos últimos anos, pois, anteriormente, os alunos eram colocados, principalmente, em Gabinetes de Contabilidade e Fiscalidade e nos Serviços Públicos similares. Este facto está a ser levado em conta pela investigadora. Parece haver indícios que apontam no sentido das preocupações manifestadas por Luís Imaginário, a respeito do destino dos diplomados do ensino profissional e que estão a ser objecto de reflexão nesta investigação.

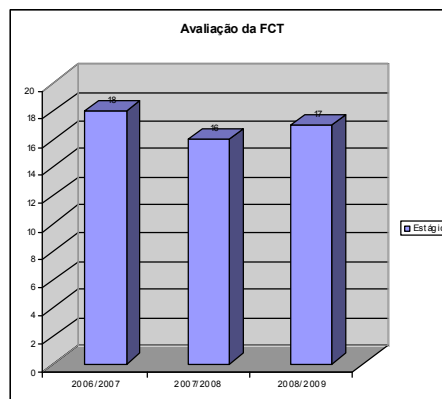
Luís imaginário, antevê a extinção dos serviços tradicionais do sector terciário (empregados de escritório e aparentados), porém, considera que “os serviços de elevada tecnicidade, indiciada, pelo uso intensivo das TIC “ constituirão “um dos poucos sectores em que pode prever-se com alguma segurança, que vão continuar a crescer” (2009, p. 55). Ora, a formação destes alunos contempla essas preocupações, sendo um dos elementos cruciais que faz com que os responsáveis das organizações acolhedoras de estagiários e empregadoras, manifestem um interesse pelos alunos do CTA. A forma como o curso está estruturado; como as actividades lectivas são desenvolvidas pela equipa pedagógica; como o acompanhamento da FCT é feito, tanto pelos representantes da Escola como pelos das organizações, faz com que, por vezes, a oferta de lugares para estagiários seja superior ao número de alunos, como aconteceu neste último ano.

Outro elemento a ter em conta é o facto da FCT se realizar em simultâneo com a formação escolar, isto é, estes alunos recebiam a formação escolar durante o período da manhã e a FCT no período da tarde, durante quatro horas por dia, todos os dias, desde, por ex: neste último ano lectivo, de 16 de Fevereiro a 13 de Maio.

Distribuição dos alunos em estágio pelas diferentes organizações			
Empresas/ Entidades/Instituições	Sede	Actividade	N.º alunos
Alkatran, Lda.	PV	Arquitectura/Engenharia	1
Associação de S. Social - O TECTO	CX	Solidariedade Social	1
Câmara Municipal	CX	Administração Local	1
Caxiconta de Sidrais Dentes, Lda.	CX	Contabilidade e Fiscalidade	6
Escola EB 2/3	CX	Ensino	6
Esc. Sup. de Estudos Industriais G.(ESEIG)	CX	Ensino	5
Fernando Carvalho da Silva, Lda.	CX	Solicitadoria	1
Hotel Forte S. João Batista	CX	Turismo	3
Infantário “Os Régianos”	CX	Solidariedade Social	1
Jorge Militão, Lda.	CX	Arquitectura/Engenharia	1
Lupo Conta, Lda.	PV	Contabilidade, Fiscalidade e Seguros	1
MonteAdriano, S.A.	PV	Construção Civil e Obras Públicas	1
Questão Resolvida, Lda.	CX	Contabilidade, Fiscalidade e S.	2
Raul Costa Lda.	CX	Contabilidade e Fiscalidade	1
RICON - Produção de Vestuário S.A.”,	VNF	Têxtil	1
Sta Casa Misericórdia de Vila do Conde	CX	Solidariedade Social	7
Serviço de Finanças de Vila do Conde	CX	Administração Fiscal	15
Sociedade de Construções, SA	CX	Construção Civil	1
SNA EUROPE (Industries), S.A.	VNF	Têxtil	2
Topoconde Lda.	CX	Arquitectura/Engenharia	1
Varzim Sol Turismo Jogo e Animação, SA.	PV	Casino Póvoa Varzim -Jogo e Lazer	2
Vilardino Lda.	CX	Contabilidade e Fiscalidade	1

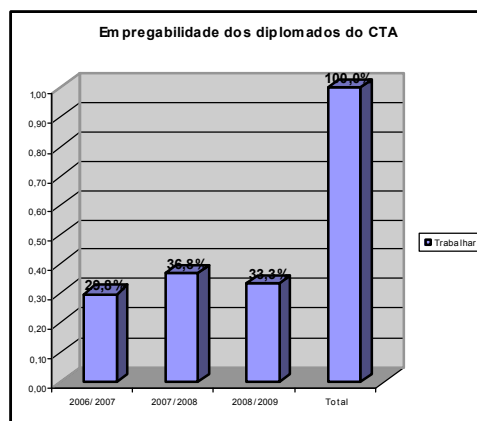
A avaliação da FCT

Nos três anos a avaliação de desempenho dos alunos na FCT é muito positiva. Essa avaliação segue a mesma metodologia definida para as demais componentes do curso, assente numa utilização de diferentes instrumentos de avaliação e numa avaliação para a aprendizagem.



Na empregabilidade/Inserção no mercado de trabalho

Nestes últimos três anos, os níveis de empregabilidade dos alunos do CTA foi de 100%. Mais de 50% dos alunos quando terminaram o estágio já tinha assegurado o seu posto de trabalho, na organização onde fizeram estágio ou nos seus concorrentes. Alguns começaram a trabalhar no primeiro dia útil do mês de Junho, mesmo sem acabarem o ano lectivo; outros, quando terminam as PAT; outros ainda, recebem ofertas de emprego de



representantes do tecido empresarial que, estando como membros do júri da PAT, reconhecem competências nos alunos para desempenharem uma determinada função na sua organização.

Neste processo, a experiência empresarial e profissional da equipa de coordenação (Director de Curso e Orientador de Estágio, assim como, a sua proximidade à Escola e às organizações económicas, profissionais, associativas, sociais e culturais, foram essenciais na fase posterior à conclusão da formação escolar dos alunos, quando estes se encontravam à procura do primeiro emprego. Porém, e em função da avaliação que as organizações faziam do desempenho dos alunos, optavam por: integrá-los nos seus recursos humanos, recomendá-los aos seus clientes ou fornecedores, ou ainda, a outras organizações, como se expressa no quadro seguinte:

Distribuição	Anos lectivos			Total
	2006-2007	2007-2008	2008-2008	
Na Entidade de estágio	4	3	3	10
Em empresas, mas recomendados pela entidade de estágio	2	2	2	6
Em Clientes/Fornecedores da entidade de estágio	1	2	3	6
Em diferentes organizações angariadas pela equipa de coordenação.	5	4	2	11
Em organizações angariadas pelos alunos	5	8	11	24
Total	17	19	18	57

Alguns destes alunos, durante o período de aulas já exerciam funções em empresas cuja actividade pertence ao sector terciário: restauração ou similares (restaurantes, pizarias, cafés, bares, ...), comércio (vestuário, Hardware e software, ...), prestação de serviços (salões de beleza/estética/cabeleireiros, transporte de bens, jardinagem, assistencial social, ...); e ao sector secundário: industria (semicondutores – Qimonda e construção civil – carpintaria). Dos 65 alunos que concluíram o curso: 61 estagiaram; 57 estão a trabalhar e 14 entraram no Ensino Superior Politécnico. Dos que ingressaram no ensino superior, 6 são trabalhadores estudantes. Realça-se o facto de que, dos 24 alunos que pessoalmente conseguiram angariar uma organização para trabalhar, 14 já o faziam durante os três anos do curso, nos dias úteis ou aos fins-de-semana, durante o dia, e/ou à noite.

3.5. Factores promotores do sucesso

Os alunos

Apresentam-se aqui algumas características que eram comuns a muitos dos alunos dos três grupos, que terminaram o CTA. Esses elementos não serão descurados na investigação. Porém, enquadram-se aqui neste ponto porque, segundo elementos retirados dos relatos de alguns alunos e professores, essas características, que à partida eram negativas para o desenvolvimento da sua formação, contribuíram para o sucesso dos alunos, uma vez que eram realidades vividas e sentidas por eles e que foram aproveitadas, enquadradas e trabalhadas ao longo da formação, principalmente na formação tecnológica.

Na sua maioria, eram filhos de pescadores que não participam na educação dos seus filhos porque se encontram a trabalhar fora de Portugal ou operários pouco qualificados; eram todos oriundos de famílias de poucos recursos financeiros; no seio da família pelo menos um, de entre os vários elementos, já tinha estado ou estava desempregado; alguns dos seus familiares estavam a ser apoiados socialmente; muitos viviam em bairros camarários; os seus progenitores

tinham um nível de escolaridade baixa; poucos eram os que tinham terminado o ciclo anterior de escolaridade sem um nível negativo e muitos tinham obtido nível, um, no exame de matemática. Para além de que vários, logo após o final do primeiro período do décimo ano, começavam a trabalhar aos fins-de-semana.

Equipa pedagógica

Ainda não se possui elementos de análise suficientes para se afirmar que o perfil e as características da equipa pedagógica foram determinantes no sucesso destes alunos. No entanto, há resultados de investigações que indicam que “em termos de impacto na aprendizagem dos alunos o director está em segundo lugar, depois dos professores” (Fullan, 2008. p. 1).

Nesse sentido, apresentam-se algumas das características das equipas pedagógicas que ao longo dos três anos do curso, e de cada grupo, contribuíram para este sucesso, nomeadamente: prevalência da continuidade da equipa ao longo dos anos; serem elementos do quadro da escola; terem mais de 15 anos de prática lectiva ou estarem na escola há mais de 10 anos.

Os professores da área científica e tecnológica terem experiência de leccionação nos cursos de prosseguimento de estudos e profissionalizantes; todos terem filhos; o seu local de residência ser junto da comunidade envolvente à Escola; terem um conhecimento dos modos de vida e da história dos alunos; e ainda, os professores da formação tecnológica manterem um contacto directo com organizações sociais e económicas e com as dinâmicas inerentes às suas actividades; a sua formação ao longo da vida, tanto na vertente da formação base como na vertente educacional, e, por último, dois dos elementos da formação tecnológica sempre obtiveram a sua formação técnica e tecnológica, em simultâneo, com a actividade profissional, isto é, foram e são trabalhadores estudantes; e desempenharam durante vários anos cargos nas organizações empresariais, nas áreas de chefia e de base deste curso.

Para além disso, a atribuição do cargo de Director de Curso e Director de Turma, à mesma pessoa, e a docentes da FT, assim como, a formação tecnológica ser leccionada quase na totalidade por esses dois professores.

Práticas lectivas

As práticas lectivas assentavam na dinâmica confinada à sala de aula e fora dela; numa relação entre os conteúdos programáticos presentes na planificação e a realidade das organizações em geral, e das empresariais em particular; e nas diferentes disciplinas, de uma forma interligada, com a aplicação da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade dos conhecimentos dos diferentes actores e de compromisso entre eles.

As práticas configuravam um trabalho entre professores, entre professores e alunos e entre alunos; um trabalho por vezes individual, outras vezes em equipa, de colaboração, orientação e

de reflexão; de planificação, de realização ou de avaliação e controlo, assentes em diversos suportes.

A análise, discussão e interpretação de problemáticas presentes em documentos, como: jornais, revistas, documentos de pesquisa electrónica na Net, Balanços, Balancetes, Demonstrações de Resultados, Mapas de Origens e Aplicações de Fundos, Relatórios de Actividade, Relatórios de gestão de empresas, panfletos de divulgação de produtos financeiros, das Instituições Financeiras (Bancos, Seguradoras, ...) e do Estado, assim como, da análise de entrevistas dadas pelo Sr. Ministro das Finanças, do visionamento e análise do Orçamento de Estado e de Orçamentos de empresas; da planificação, organização, realização e divulgação de projectos individuais ou de grupo; de relatórios de ante-projectos e de projectos; e ainda, de visitas de estudo a diferentes organizações de âmbito local e nacional. A participação em jornadas e palestras da área de formação, promovidas pelos próprios alunos ou por outros alunos da escola, na própria escola ou fora dela, nomeadamente em estabelecimentos públicos do ensino superior; a participação em concursos promovidos por Faculdades; a participação em eventos culturais: como espectáculos de teatro, e tudo mais que os diferentes actores propusessem no sentido de que a sua educação se desenvolvesse assente nos quatro pilares defendidos pela Comissão Internacional da UNESCO, em 1996, para a educação do século XXI, ou seja; “Aprender a Conhecer”, “Aprender a fazer”, “Aprender a viver juntos” e “Aprender a ser”.

A equipa coordenadora

Apesar da angariação e selecção das organizações acolhedoras onde os alunos estagiavam ser da exclusiva responsabilidade do representante da escola, ou em quem este delegue (Director de Curso), nesta escola, e neste curso, essa actividade é efectuada em colaboração com toda a equipa de coordenação (Director de Curso, Director de Turma e Orientador de Estágio).

É um processo longo, demorado, exaustivo, ..., mas, segundo os envolvidos é compensador. É uma actividade onde é fundamental o uso da inteligência emocional, por parte dos mesmos; onde se exige: uma acção colaborativa, entre a equipa coordenadora; entre a equipa coordenadora e as organizações e entre as organizações e os alunos; um conhecimento dos alunos (características, gostos, disponibilidade, competências: técnicas, cognitivas, atitudinais, conviviais, ...), do seu agregado familiar (situação económica e financeiro, existência de desempregados ou não, ...), e das organizações, (a actividade principal que desenvolvem, os recursos que disponibilizam para estes alunos, as regras de funcionamento da sua actividade e o que privilegiam nos seus colaboradores), para facilitar a colocação dos alunos e o seu sucesso. A gestão da relação tempo-espaco, a preparação previa, informal e formal de todo o processo; a orientação e o acompanhamento sistemático, também são factores propiciadores à inclusão dos alunos nas entidades de estágio e ao seu sucesso.

Por último, uma grande disponibilidade do Director de Curso e/ ou Orientador de Estágio e uma enorme confiança por parte da liderança de topo (Director) no trabalho realizado por toda esta equipa.

O acompanhamento da FCT.

O acompanhamento, tal como já foi referido anteriormente, era realizado de uma forma personalizada, directa, oportuna, flexível, ajustada às necessidades da organização e com uma total disponibilidade por parte da equipa de acompanhamento. Toda a parte burocrática era efectuada em sintonia com as partes, nomeadamente o protocolo, plano de estágio, o controlo de assiduidade e a avaliação.

As relações são tão profícuas que os responsáveis pelas organizações disponibilizam-se a fazerem parte do júri da PAT, durante vários dias, sem qualquer remuneração.

Vantagens das organizações no acolhimento de estagiários

Para os responsáveis das organizações de acolhimento a inclusão de mais um elemento é uma oportunidade para gerirem os seus recursos humanos, durante três meses, a custo zero e com uma produtividade, por parte destes elementos, igual ou semelhante aos demais colaboradores. Tal facto traduzir-se-á num acréscimo do valor acrescentado da actividade e numa vantagem competitiva, pois, podem aumentar as receitas e manterem, ou diminuir as despesas. Para além disso, podem beneficiar dos incentivos sociais e fiscais, por criarem um novo posto de trabalho para uma pessoa em situação de primeiro emprego.

As condições de trabalho disponibilizadas pelas diferentes organizações para o desenvolvimento desta oferta são exactamente as mesmas que os seus trabalhadores dispõem, fazendo mesmo questão de reforçar que os alunos serão tratados como trabalhadores da empresa, porque, só assim poderão ver no aluno, em função da qualidade do trabalho realizado; das relações que estabelecem; do saber ser e estar num novo contexto; dos conhecimentos e das competências que possuem, um potencial recurso para a empresa, para os seus clientes/fornecedores ou ainda para outras empresas.

CONCLUSÃO

Espero que os elementos apresentados nesta comunicação possam ter alguma utilidade para todos aqueles que se interessam pela educação, e que sejam estimulantes, principalmente, para os professores que só agora começaram a trabalhar com os jovens que escolhem a vertente da formação profissionalizante, e que vêm nela a única forma de encontrar um rumo para as suas vidas; também para os líderes de topo (directores) que dirigem agora as escolas, no sentido de reflectirem nestas problemáticas e escolherem processos e decisões que possam permitir muitos casos de sucesso como o aqui apresentado.

Para terminar, deixo aqui o pensamento defendido por Edgar Morin sobre a educação, e para que o mesmo possa ser objecto de reflexão.

Temos a necessidade de reformar radicalmente o actual modelo de ensino nas universidades e escolas secundárias. Porquê? Porque actualmente o conhecimento está desintegrado em fragmentos disjuntos no interior das disciplinas, que não estão interligadas entre si e entre as quais não existe diálogo (Morin, 2009, P.1).

Bibliografia

Delors, J. (1996). *La educación encierra un tesouro*. Madrid: Santillana, Ediciones UNESCO

Fullan, M. (2003). *Liderar numa cultura de mudança*. Edições ASA.

Fullan, M., (2008). *School Leadership's Unfinished Agenda – Integrating Individual and Organizational Development*. Education Week: Vol.. 27, n.º 31, p. 36, retirado a 01-09-2008 do site http://www.michaelfullan.ca/Articles_08/08_Apr_ed.pdf

Hargreaves, A. & Fink, D. (2007). *Liderança Sustentável*. Porto Editora.

Imaginário, L. (2009). *DO IMPACTE SOCIAL E DA EMPREGABILIDADE DO ENSINO PROFISSIONAL*. Comunicação no Seminário Nacional: O Ensino Profissional – Analisar o Passado e Olhar o Futuro. Porto: Universidade Católica Portuguesa. (2009

IGE. (2009). *Relatório da Avaliação Externa da Escola Secundária X*.

Morin, E., (2009). *Reforma radical no ensino para acabar com a “hiperespecialização”*

Público Jornal electrónico, p. 1, de 14-05-2009, retirado a 14 de Junho, do sítio <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1381155> .

Reis, A. (2001). *ESCOLA SECUNDÁRIA JOSÉ RÉGIO – MONOGRAFIA*. Vila do Conde: Escola Secundária José Régio.

Santos Guerra, M. (2009). *LA EVALUACIÓN DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS – O EL CAMINO HACIA LA MEJO*. Comunicação no X Congresso da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação: “Investigar, Avaliar, Descentralizar”. Guia do Congressista. Bragança: Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação.

Sergiovanni, T. J., (2004). *Novos caminhos para a liderança escolar: Uma teoria para a comunidade escolar; a base da liderança escolar; o progresso docente e as escolas como centros de investigação*. Edições ASA.